

A EXISTÊNCIA ENCARNADA

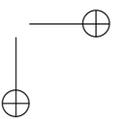
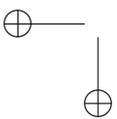
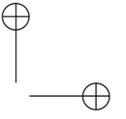
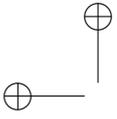


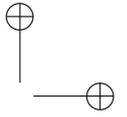
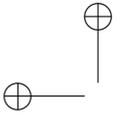
Emmanuel Mounier

Tradutor: Artur Morão

2010

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Existência Encarnada*

Autor: Emmanuel Mounier

Colecção: Textos Clássicos LUSOSOFIA

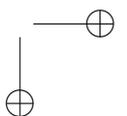
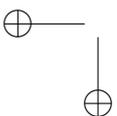
Direcção: José Rosa & Artur Morão

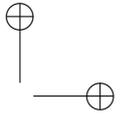
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





Agradecimento

Agradece-se ao editor, Joaquim Soares da Costa, da Texto & Grafia, a amável autorização para aqui se proporcionar aos cultores e apreciadores da filosofia, portugueses e outros, a ocasião de saborear este texto de Emmanuel Mounier sobre a pessoa e a sua existência encarnada.

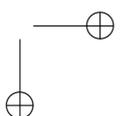
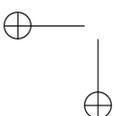
Trata-se do Capítulo I da obra *O Personalismo*, que saiu na versão portuguesa em Janeiro de 2010 e consta de duas partes:

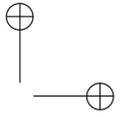
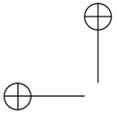
1. *Estruturas do universo pessoal* (A existência encarnada – A comunicação – A conversão íntima – A defrontação – A liberdade sob condições – A eminente dignidade – O empenhamento)

2. *O personalismo e a revolução do século XX*.

A tradução tem por base o texto das Presses Universitaires de France (17.^a edição)

Artur Morão
José Maria da Silva Rosa





Existência Encarnada*

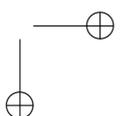
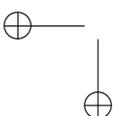
Emmanuel Mounier

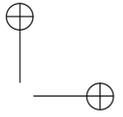
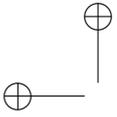
Os espiritualismos modernos dividem o mundo e o homem em duas séries independentes, material e espiritual. Ora aceitam como um facto bruto a independência das duas séries (paralelismo psicofisiológico), abandonando a matéria às suas fatalidades, contanto que preservem o direito de legislar absolutamente no reino do espírito: a junção dos dois mundos fica então por explicar. Ora recusam toda a realidade ao mundo material até dele fazerem apenas uma aparência do espírito: a importância desta aparência depende então do paradoxo.

Este esquema é estilizado à partida pelo realismo personalista.

A pessoa imerge na natureza. – O homem é, com igual direito, corpo e espírito, todo ele "corpo" e todo ele "espírito". Dos seus instintos mais primários – comer, reproduzir-se – fez artes subtis: a cozinha, a arte de amar. Mas uma dor de cabeça tolhe o grande filósofo, e S. João da Cruz, nos seus êxtases, vomitava. Os meus humores e as minhas ideias são modelados pelo clima, pela geografia, pela minha situação à superfície da terra, pelas minhas hereditariedades e, mais além, talvez pela torrente compacta dos raios cósmicos. A estas influências vêm ainda juntar-se as determinações psicológicas e colectivas posteriores. Nada há em

*[Cap. I de *O Personalismo*]

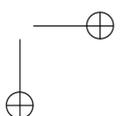
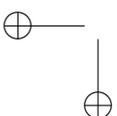


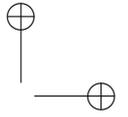


mim que não esteja mesclado de terra e de sangue. Investigações mostraram que as grandes religiões seguem os mesmos itinerários que as grandes epidemias. Porque escandalizar-se com isso? Também os pastores têm pernas, que são guiadas pelos declives do terreno.

Tal é a parte de verdade, considerável, da análise materialista. Mas não é inédita. A união indissolúvel da alma e do corpo é o eixo do pensamento cristão. Este não contrapõe o "espírito" e o "corpo" ou a "matéria" na sua acepção moderna. Para ele, o "espírito", no sentido composto do espiritualismo moderno, que designa simultaneamente o pensamento (*noûs*), a alma (*psychê*) e o sopro de vida, funde-se na existência com o corpo. Quando este todo se estira em sentido contrário à vocação sobrenatural do homem, o cristianismo dá a este movimento o nome de *carne*, e designa assim tanto o peso da alma como o dos sentidos; quando impele para Deus, corpo e alma colaboram em conjunto no reino do espiritual (*pneuma*), no reino sólido de Deus, e não no reino etéreo do Espírito. Se a culpa original feriu a natureza humana, foi afectado, na sua totalidade, o composto humano; após os Evangelhos, a malícia e as perversões do espírito suscitaram mais anátemas do que as da "carne", no sentido estreito do termo. O cristão que fala com desprezo do corpo e da matéria, fá-lo, pois, contra a sua tradição mais central. De acordo com a teologia medieval, só podemos aceder comumente às mais sublimes realidades espirituais e ao próprio Deus, atravessando a matéria e pelo peso que sobre ela exercemos. Na realidade, foi o desprezo grego pela matéria que, de século em século, se transmitiu até hoje, sob falsas justificações cristãs.

É necessário, hoje, desfazer este dualismo pernicioso nos nossos modos de vida e no nosso pensamento. O homem é um ser natural; pelo seu corpo, faz parte da natureza, e o seu corpo está em toda a parte onde ele se encontra. Importa daqui tirar as consequências.



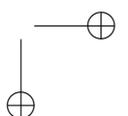
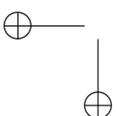


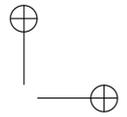
A natureza – natureza exterior pré-humana, inconsciente psicológico, participações sociais não personalizadas – não é o mal do homem: a encarnação não é uma queda. Mas como é o lugar do impessoal e do objectivo, é uma *ocasião* permanente de alienação. A miséria sobrecarrega-nos tanto como a abundância. O homem encontra-se como que sitiado entre uma e outra. O marxismo tem razão ao pensar que o fim da miséria material é o fim de uma alienação, e uma etapa necessária ao desenvolvimento da humanidade. Mas não é o fim de toda a alienação, mesmo ao nível da natureza.

A pessoa transcende a natureza. – O homem é um ser natural. Será tão-só um ser natural? Será, no seu todo, um brinquedo da natureza? Mergulhado na natureza, transcendê-la-á, ao emergir dela?

A dificuldade consiste em pensar bem esta noção de transcendência. O nosso espírito resiste a representar uma realidade que esteja inteiramente imersa na outra pela sua existência concreta, e todavia superior pelo nível de existência. Não se pode estar, ao mesmo tempo, no rés-do-chão e no 6.º andar, dizia Léon Brunschvig. É ridicularizar por uma imagem espacial uma experiência que o espaço não pode transcrever. O universo está cheio de homens que fazem os mesmos gestos nos mesmos lugares, mas que trazem em si e suscitam à sua volta universos mais distantes do que as constelações.

Examinemos, pois, a natureza. Deixemos de lado o mito materialista da Natureza Pessoa impessoal, de poderes ilimitados. Deixemos de lado o mito romântico da Mãe benévola, sagrada, imutável, da qual não devemos desviar-nos sob pena de sacrilégio e de catástrofe: um e outro submetem o homem pessoal e activo a um impessoal fictício. De facto, a natureza nada oferece ao nosso saber racional afora uma rede infinitamente complicada de determinações, a cujo respeito nem sequer sabemos se, por detrás dos sistemas que antepomos para garantir as nossas influências, elas serão redutíveis



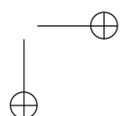
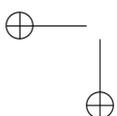


a uma unidade lógica. Com que autoridade nos reduzimos a tais sinais? Por exemplo, com Pavlov, a cadeias de reflexos associados?

Se pretendermos explicar a humanidade, é necessário apreendê-la no seu exercício vivo e na sua actividade global. As experiências de Pavlov são criações artificiais de laboratório: os seus resultados têm uma figura mecanicista, porque o sujeito se dispõe nelas em condições também inteiramente mecânicas. O homem escapa-lhes: “O homem é um ser natural, mas um ser natural humano¹.” Ora, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece este universo que o submerge, e só ele o transforma, ele, o menos armado e o menos poderoso de todos os grandes animais. É capaz de amor, o que é ainda infinitamente mais. O cristão acrescentará: foi tornado capaz e colaborador de Deus. É necessário não esquecer os reflexos salivares, mas importa igualmente não estar por eles obcecado.

Os determinismos, à nossa volta, não são uma palavra vã. Mas a noção de determinismo, sem ser expulsa da ciência, como se afirmou, foi localizada ao nível dos fenómenos materiais de grande escala. Foi abalada pelos fenómenos subatómicos. Extravasam-na os fenómenos biológicos. Para o físico, à pequena escala, existe apenas uma “causalidade fraca” e tal que “uma mesma causa pode produzir um ou outro de vários efeitos possíveis com apenas uma certa probabilidade de que tal efeito se produzirá, e não outro” (L. de Broglie). O homem também já não está bloqueado no seu destino pelo determinismo. Embora permaneçamos concretamente ligados a determinismos numerosos e apertados, cada determinismo novo que o cientista descobre é mais uma nota para a gama da nossa liberdade. Enquanto as leis da aerodinâmica foram ignoradas, os homens sonharam com voar; quando o seu sonho se imiscuiu numa rede de necessidades, eles voaram. Sete notas são um registo estreito; e, no entanto, com estas sete notas já se esta-

¹ Marx, *Économie politique et philosophique*, Éditions Coste, p. 78.





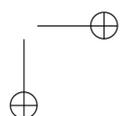
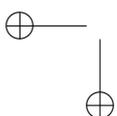
beleceram vários séculos de invenção musical. Quem argumenta a partir das fatalidades da natureza para negar as possibilidades do homem abandona-se a um mito ou tenta justificar uma demissão.

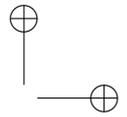
Esta emergência da pessoa criativa pode ler-se na história do mundo. Surge como uma luta entre duas tendências de sentido contrário:

- Uma é a *tendência permanente para a personalização*. Não afecta apenas a matéria que é a impessoalidade, a dispersão e a indiferença, que tende para o nivelamento (degradação da energia), para a identidade ou a repetição homogénea como para o seu fim. Ataca a vida, diminui o seu impulso, expõe-la em espécies de exemplares indefinidamente repetidos, faz degenerar a descoberta em automatismos, faz recuar a audácia vital para formações de segurança donde a invenção se ausenta, prossegue por inércia movimentos que, em seguida, se voltam contra o seu fim. Afrouxa, por último, a vida social e a vida do espírito pelos relaxamentos do hábito, da rotina, da ideia geral, da tagarelice quotidiana.

- A outra é um *movimento de personalização* que, em rigor, só começa com o homem, mas cuja preparação se pode salientar ao longo de toda a história do universo². Já os fenómenos radioactivos anunciam uma primeira ruptura nas fatalidades monótonas da matéria. A vida, em seguida, surge como uma acumulação de energia cada vez mais organizada em nós de indeterminação sempre mais complexos; abre assim o leque de possibilidades que os dispositivos biológicos oferecem à livre escolha do indivíduo, e prepara a formação de centros pessoais. A partícula atómica, desprovida de qualidades, não é individualizável, mesmo pela sua posição no espaço, desde que as teorias quânticas já não permitem atribuir-lhe uma localização precisa e constante. Com o átomo, estrutura de partículas, inicia-se um embrião de individualidade. Mais firme é a individualidade animal; a natureza, no entanto, mostra por ela pouca consideração, multiplica-a com prodigalidade

² Sobre esta preparação, ver os escritos de P. Teilhard de Chardin.

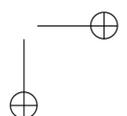
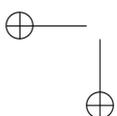


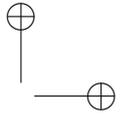
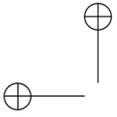


para massivamente a desperdiçar: dois indivíduos em dois milhões de ovos de mosca chegam à idade adulta. O animal ignora a consciência reflexiva e a reciprocidade das consciências. Em caso de conflito, a sorte do indivíduo está sempre subordinada à da espécie. Com a pessoa humana, todo este movimento encontra o seu significado, embora não a sua explicação.

A emergência do universo pessoal não detém a história da natureza, insere-a na história do homem, sem inteiramente lhe sujeitar. Falamos, por vezes, do "homem primitivo", como se ele estivesse escondido no fundo das idades. Quando obtivermos uma consciência mais viva e desconcertante da realidade pessoal, muito mais próximas nos parecerão ainda as nossas origens. Representamos uma comédia mundana e moral que, de modo surdo, os instintos, os interesses, as necessidades regulam; o que se rotula de "vida do espírito" utiliza uma boa parte das suas actividades para montar, perante estes actores obscuros, uma cortina de justificações e de prestígios. O materialismo tem, em parte, razão, quando é histórico e datado: não no absoluto dos valores, mas na etapa da humanidade em que nos encontramos, e para o grande número, excepto a conversão individual sempre possível (o que origina três condições restritivas), a nossa situação biológica e económica comanda massivamente ainda os nossos comportamentos. Numerosos indivíduos e amplos movimentos romperam, há muito e, decerto, desde que o homem é homem, estas servidões: sozinho ou em associação, o homem alcança de imediato os píncaros da humanidade, antes de retomar, passo a passo, os seus movimentos de aproximação. Mas o universo pessoal existe ainda só no estado de ínsulas individuais ou colectivas, de promessas por realizar. A sua conquista progressiva é a história do homem.

Consequências desta condição. – Da condição que acabámos de definir derivam consequências importantes:



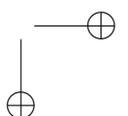
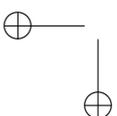


1 / Não há que atulhar a ciência da "matéria" e a ciência do "espírito" com mágoas ou exaltações sem valor no plano da realidade.

2 / O personalismo não é um espiritualismo, muito pelo contrário. Capta todo o problema humano em toda a amplitude da humanidade concreta, desde a mais humilde condição material à mais elevada possibilidade espiritual. As Cruzadas são, ao mesmo tempo, a títulos diversos para cada uma delas, produtos eminentes do sentimento religioso e movimentos económicos da feudalidade declinante. É, pois, verdade que a explicação pelo instinto (Freud) e a explicação pela economia (Marx) são uma via de abordagem de *todos* os fenómenos humanos até aos mais elevados. Mas, em contrapartida, nenhum, mesmo os mais elementares, se compreende sem os valores, as estruturas e as vicissitudes do universo pessoal, imanente como um fim a todo o espírito humano, e ao trabalho na natureza. O espiritualismo e o moralismo são impotentes, porque negligenciam as servidões biológicas e económicas. Mas também o materialismo, pela razão inversa. Como diz o próprio Marx, "materialismo abstracto" e "espiritualismo abstracto" encontram-se, não se trata de escolher um ou outro, mas "a verdade que une os dois" aquém da sua separação³. A ciência e a reflexão apresentam-nos, cada vez mais, um mundo que não pode dispensar o homem e um homem que não pode passar sem o mundo.

3 / Há que repetir, no plano da acção, o que acabámos de dizer no plano da explicação. Em todo o problema prático é necessário garantir a solução no plano das infra-estruturas biológica e económica, se pretendermos que sejam viáveis as medidas tomadas noutros planos. Esta criança é anormalmente preguiçosa ou indolente: examinai as suas glândulas endócrinas, antes de lhe passardes uma reprimenda. Esta gente resmunga: examinai as suas folhas de remuneração, antes de denunciardes o materialismo. E se lhe de-

³ *Critique de la philosophie du droit de Hegel (Oeuvres, Coste, IV, 183); Économie politique et philosophique (ibid., VI, 78).*





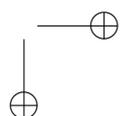
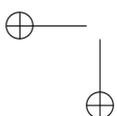
sejais mais virtudes, dai-lhe, primeiro, a segurança material, a cujo respeito vos esqueceis que, se dela não dispusésseis de pai para filho, a vossa moderação social seria porventura perturbada.

Vice-versa, a solução biológica ou económica de um problema humano, por próximo que esteja das necessidades elementares, é incompleta e frágil, se não se atender às mais profundas dimensões do homem. O espiritual é também uma infra-estrutura. As desordens psicológicas e espirituais ligadas a uma desordem económica podem minar, durante muito tempo, as soluções alcançadas no plano da economia. E a estrutura económica mais racional, se for estabelecida com desprezo das exigências fundamentais da pessoa, traz em si a sua ruína.

A existência encarnada. – O personalismo opõe-se assim ao idealismo, quando este: 1/ Reduz a matéria (e o corpo) a uma aparência do espírito humano, absorvendo-se nele por uma actividade puramente ideal; 2 / Dissolve o sujeito humano numa tela de relações geométricas ou inteligíveis, donde é expulsa a sua presença, ou ele se reduz a um simples posto receptor de resultados objectivos.

Em contrapartida, para o personalismo:

1 / Por abundante e subtil que seja a luz que o espírito humano possa introduzir nas mais finas articulações do universo, a materialidade existe com uma existência irreduzível, autónoma, hostil à consciência. Não se pode diluir numa relação interior de consciência. Marx e Engels apelidam esta afirmação de materialista. Mas ela é conforme ao realismo mais tradicional, a um realismo que não se coíbe de integrar os elementos válidos da crítica idealista. O que é radicalmente estranho à consciência é tão-só dispersão pura, cega e opaca. Não se pode falar de um objecto, e com maior razão de um mundo, excepto em relação a uma consciência que o apreende. Nada se diz quando se reduz a matéria a uma rede de relações. Que relações seriam essas, se não pudessem





ser percebidas? A ligação dialéctica da matéria à consciência é tão irreduzível quanto a existência de uma e de outra.

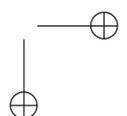
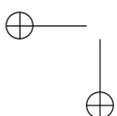
2 / Sou pessoa desde a minha existência mais elementar e, longe de me despersonalizar, a minha existência encarnada é um factor essencial da minha base pessoal. O meu corpo não é um objecto entre os objectos, o mais próximo dos objectos: como se uniria ele à minha experiência de sujeito? De facto, as duas experiências não estão separadas – *existo subjectivamente, existo corporalmente* – são uma só e mesma experiência⁴. Não posso pensar sem ser, e ser sem o meu corpo: estou por ele *exposto* a mim próprio, ao mundo, a outrem, é por ele que me esquivo à solidão de um pensamento que seria tão-só pensamento do meu pensamento. Ao recusar deixar-me inteiramente transparente a mim mesmo, ele lança-me sem cessar para fora de mim, para a problemática do mundo e das lutas do homem. Pela solicitação dos sentidos, ele arroja-me para o espaço, pelo seu envelhecimento ensina-me a duração, pela sua morte enfrenta-me com a eternidade. Faz pesar a sua servidão, mas ao mesmo tempo está na raiz de toda a consciência e de toda a vida espiritual. É o mediador omnipresente da vida do espírito. Nesse sentido, pode dizer-se, com Marx, que "um ser que não é objectivo não é um ser"⁵, com a condição de imediatamente se acrescentar que a um ser que fosse apenas objectivo faltaria este acabamento do ser: a vida pessoal.

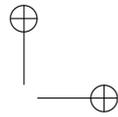
A personalização da natureza. – A pessoa não se contenta com sofrer a natureza de que emerge ou com saltar sob as suas provocações. Volta-se para ela afim de a transformar e de lhe impor progressivamente a soberania de um universo pessoal.

Num primeiro momento, a consciência pessoal afirma-se, assumindo o meio natural. A aceitação do real é o primeiro movimento de toda a vida criadora. Quem a recusa trespassaria e a sua

⁴ Tema essencial em Gabriel Marcel e Maine de Biran. Ver também G. Madinier, *Conscience et mouvement*.

⁵ *Économie politique et philosophique*, Coste, VI, 77.

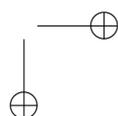
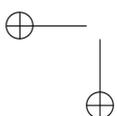


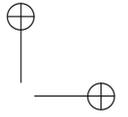


acção descarrila. Mas esta aceitação é tão-só um primeiro passo. Adaptar-me excessivamente é entregar-me à escravidão das coisas. O homem do conforto é o animal doméstico dos objectos do seu conforto; o homem reduzido à sua função produtora ou social, uma roda dentada. A exploração da natureza não está destinada a articular numa rede de determinismos uma rede de reflexos condicionados, mas a abrir, frente à liberdade criadora de um número de homens cada vez maior, possibilidades mais elevadas de humanidade. A força de afirmação pessoal é que rompe o obstáculo e abre o caminho. Deve, para tal, negar a natureza como dado, para afirmá-la como obra, como obra pessoal e suporte de toda a personalização. A *pertença* à natureza torna-se então *superintendência* da natureza, o mundo anexa-se à carne do homem e ao seu destino. Mas falta ainda assinalar o seu sentido a esta acção sobre a natureza.

Ela não pode, sem tragédia, entregar-se ao delírio da sua própria aceleração, o que Ford confessava ao responder, a quem lhe perguntava porque desenvolvia sem cessar as suas empresas: "Porque não consigo deter-me".

Ela não consiste em impor às coisas uma relação de senhor a escravo. A pessoa só se liberta libertando. E é chamada a libertar as coisas e a humanidade. Marx dizia do capitalismo que ele degrada as coisas em mercadorias, em mecanismos de lucro, fazendo soçobrar a sua própria dignidade de coisas, por exemplo aquela que o poeta aprende. Levamos a cabo esta degradação, sempre que consideramos as coisas tão-só como obstáculos a vencer, matéria de posse e de dominação. O poder discricionário que então queremos exercer sobre elas não tarda a comunicar-se às relações humanas, a segregar a tirania, que deriva sempre do homem e não das coisas. O movimento do marxismo, que pensa que a missão do homem é, pelo contrário, elevar a dignidade das coisas humanizando a natureza, está aqui próximo do cristianismo, que atribui à humanidade a vocação de resgatar pelo trabalho, resgatando-se,

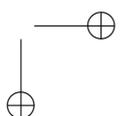
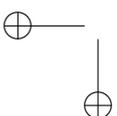


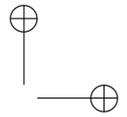


uma natureza que ele arrastou na sua queda. O valor central que em Marx a actividade prática do homem (*praxis*) adquire é uma espécie de laicização do valor central que o trabalho assume na tradição cristã⁶.

A relação da pessoa à natureza não é, pois, uma relação de pura exterioridade, mas uma relação dialéctica de troca e de ascensão. O homem pressiona a natureza para vencer a natureza, tal como o avião faz pressão sobre a gravidade para se arrancar à gravidade. Desde o seu primeiro gesto – colocado na terra para ”trabalhar a terra” (*Génesis* 2, 15) e nomear todas as coisas – ele faz que já não haja natureza pura, mas uma natureza que começa a humanizar-se. A pretensa natureza está toda tecida com os nossos artificios. E, desde o início dos séculos, nada mais fizemos do que aprender e gerir atabalhoadamente o mundo. Mas eis que abordamos os seus segredos: o da matéria, o da vida, os do psiquismo. É uma viragem capital. Como o anunciam, num tom triunfante, as ”Teses sobre Feuerbach”, iremos doravante *transformar* e *explicar*. A sabedoria quer a anexar a indústria. A indústria fará loucuras; fá-las-á ela mais do que o pensamento? Neste sentido, produzir é decerto uma actividade essencial da pessoa, com a condição de fornecer à produção a perspectiva total em que ela arrasta as mais humildes tarefas para o sopro divino que soergue a humanidade. Unida, de início, à satisfação imediata das necessidades elementares, desviada depois por interesses parasitas ou entregue à sua própria embriaguez, a produção deve tornar-se uma actividade libertatória e libertadora, uma vez modelada por *todas* as exigências da pessoa. Sob esta condição, onde reina o primado do económico, ele é já um primado do humano. Mas a produção só tem valor mediante o seu fim mais elevado: o advento de um mundo de pessoas. Não o extrai nem da organização das técnicas, nem da acumulação dos produtos, nem da instalação pura e simples da prosperidade.

⁶ *Esprit*, número especial: *Le travail et l'homme*, Julho 1933.

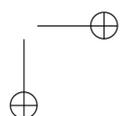
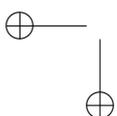


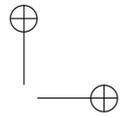


Captamos nesta ilustração o sentido profundo do desenvolvimento técnico. Só o homem inventa utensílios, os congrega, depois, num sistema de máquinas que modela um corpo colectivo para a humanidade. Os homens do século XX desorientaram-se com este corpo novo e onipotente, que para si constituem. É verdade que o poder de abstracção da máquina é espantoso: ao romper os contactos humanos, pode levar a esquecer, mais do que qualquer outra força, os homens que ela mobiliza, que por vezes esmaga; perfeitamente objectiva, inteiramente explicável, desaccostuma da intimidade, do segredo, do inexprimível; fornece meios inesperados aos imbecis; diverte-nos por excesso, para nos distrair das suas crueldades. Entregue ao seu peso cego, é uma força poderosa de despersonalização. Mas só assim é, quando desligada do movimento que a suscita como um instrumento da libertação do homem relativamente às servidões naturais e à reconquista da natureza. Uma atitude puramente negativa frente ao desenvolvimento técnico depende de uma análise insuficiente, ou de uma concepção idealista de um destino que só forjamos com todas as forças da terra. A idade técnica fará correr os maiores perigos ao movimento de personalização, tal como a brusca expansão do seu corpo corre o risco de fazer soçobrar o equilíbrio do adolescente. Mas nenhuma maldição particular a castiga. Longe de ser um erro funesto das regiões europeias, ela é porventura o meio pelo qual o homem, um dia, invadirá o universo, nele dilatará o seu reino e, inclusive ao olhar da imaginação, deixará de ser um paradoxo perdido no espaço⁷.

Ameaças à personalização da natureza. Um optimismo trágico.
– Se traçamos, com uma espécie de amplidão pomposa, os amplos destinos que se abrem à obra de personalização, não levamos a esquecer que este futuro nada tem de automático. A cada instante, em novas dificuldades, ele é posto em causa perante a es-

⁷ Sobre estes problemas, E. Mounier, *La petite peur du XX^e siècle*, Éditions du Seuil, 1948.





colha pessoal de cada um de nós, e cada um dos nossos abandonos o compromete. A matéria é rebelde e não apenas passiva; ofensiva e não simplesmente inerte. O personalismo, segundo a expressão de Maurice Nédoncelle, não é "uma filosofia de domingo à tardinha". Por toda a parte onde a pessoa entranha a sua luz, a natureza, corpo ou matéria, insinua a sua opacidade: sob a fórmula do sábio, sob a claridade da razão, sob a transparência do amor. Por toda a parte onde a liberdade desponta, ela entorpece-a com mil laços. Por toda a parte onde a intimidade se propõe, ela é exterioriza, exhibe-se, generaliza: as qualidades sensíveis são o enfraquecimento da sensação, tal como as espécies são a recaída da vida, os hábitos a paragem da invenção, e as regras o resfriamento do amor⁸. Acometida pelo universo pessoal, a natureza ameaça, por sua vez, investi-lo sem cessar. Nada, na relação do homem pessoal e do mundo, evoca uma harmonia à Leibniz. A insegurança, a preocupação é a nossa sina. Nada deixa prever que esta luta termine num prazo apreciável⁹, nada nos encoraja a duvidar de que ela seja constitutiva da nossa condição. A perfeição do universo pessoal encarnado não é, pois, a perfeição de uma ordem, como querem todas as filosofias (e todas as políticas) que pensam que o homem conseguirá um dia totalizar o mundo. É a perfeição de uma liberdade aguerrida, e que combate de forma cerrada. Por isso subsiste mesmo nos fracassos. Entre o optimismo impaciente da ilusão liberal ou revolucionária e o pessimismo impaciente dos fascismos, o caminho próprio do homem é o optimismo trágico em que ele encontra a sua justa medida, num clima de grandeza e de luta.

⁸ Para o tema da objectivação, ver sobretudo Berdiaeff, em especial: *Esprit et liberte* (Je sers); *La destination de l'homme* (Je sers); *Cinq méditations sur l'existence* (Aubier).

⁹ Étienne de Greeff, nas suas importantes obras: *Notre destinée et nos instincts* (Plon); *Les instincts de défense et de sympathie* (Presses Universitaires), expressa a este respeito uma nota algo pessimista.

